



Eliane Regina Pereira
(Organizadora)

A Pesquisa em Psicologia em Foco 2

Atena
Editora
Ano 2019

Eliane Regina Pereira
(Organizadora)

A Pesquisa em Psicologia em Foco 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P474	A pesquisa em psicologia em foco 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Eliane Regina Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Pesquisa em Psicologia em Foco; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-368-2 DOI 10.22533/at.ed.682190506 1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Eliane Regina. II.Série. CDD 150.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um fotógrafo-artista me disse uma vez: veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. (...). Se fizerem algum exame mental em mim por tais julgamentos, vão encontrar que eu gosto mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos. (Barros, 2006)¹.

A partir de uma memória inventada, Manoel de Barros nos convida a pensar sobre as importâncias. Segundo o poeta é preciso que nos encantemos pelas coisas. Assim, mais importante que medir, ou ainda, que identificar o instrumento certo da medida é preciso estar encantado pelo processo. Entendemos que pesquisar é se encantar, é se entregar a uma temática e se permitir mergulhar no processo de construção de dados, de modo que os resultados não sejam entendidos como descobertas, mas como construção de um processo que se dá entre o pesquisador e a pesquisa realizada.

Segundo o dicionário online² pesquisar é um verbo transitivo que significa investigar com a finalidade de descobrir conhecimentos novos, ou ainda, recolher elementos para o estudo de algo. Se o objetivo é, portanto, descobrir conhecimentos novos, temos obrigação de após pesquisar, espalhar esses novos conhecimentos. Este é o objetivo deste livro, divulgar, espalhar, difundir conhecimentos pesquisados. O livro é resultado de uma série de pesquisas em psicologia. Não é um livro de método, mas um livro de relato de pesquisa e de experiência.

O livro está organizado em três partes. A primeira parte intitulada “Pesquisas Teóricas” consta de quinze capítulos que apresentam diferentes temáticas e diferentes caminhos de pesquisa. Desde pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo e/ou quantitativo em bases de dados a pesquisas de profundidade em autores específicos como Rubinstein, Davýdov e Emília Ferreiro. Dificuldade de aprendizagem, evolução da língua escrita, formação de professores, imagem corporal, violência contra a mulher, jogo compulsivo, transtorno do pânico e transtorno do stress pós-traumático são algumas das temáticas aqui apresentadas.

A segunda parte intitulada “Pesquisas Empíricas” é composta de dez capítulos. Nesta parte, os autores apresentam diferentes instrumentos de pesquisa: Questionário semiestruturado com perguntas fechadas, aplicação de diferentes inventários ou escalas, entrevistas semiestruturadas, são algumas das metodologias de pesquisas expostas aqui.

A terceira parte intitulada “Relatos de experiência” inclui sete pequenos relatos que permitem ao leitor acompanhar o trabalho dos autores.

É preciso ser possuído por uma paixão para que se possa comunica-la.

1 Barros, M. (2006). Memórias inventadas: a segunda infância. São Paulo. Editora Planeta.

2 <https://www.dicio.com.br/pesquisar/>

Esperamos que você se encante pela leitura, assim como, cada pesquisador/autor aqui apresentado, evidencia ter se apaixonado, se encantado pelo ato de pesquisar.

Eliane Regina Pereira

SUMÁRIO

PESQUISAS EMPÍRICAS

CAPÍTULO 1	1
NÍVEL DE <i>STRESS</i> E AS PRINCIPAIS IMPLICAÇÕES PRESENTES NA QUALIDADE DE VIDA DOS CUIDADORES DE IDOSOS COM ALZHEIMER	
Eliane de Anhaia Bressan Marilda Saccol	
DOI 10.22533/at.ed.6821905061	
CAPÍTULO 2	20
MULHERES AGRICULTORAS CONTEMPORÂNEAS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO	
Andréia Piccinin Ana Patrícia Alves Vieira Parizotto	
DOI 10.22533/at.ed.6821905062	
CAPÍTULO 3	30
MULHERES MASTECTOMIZADAS: A VIDA QUE ANTECEDE O RECOMEÇO	
Ana Paula Domingues Picolotto Ana Patrícia A. V Parizotto	
DOI 10.22533/at.ed.6821905063	
CAPÍTULO 4	46
A PROFISSIONALIDADE DOCENTE SOB A ÓTICA PIAGETIANA: A IDENTIDADE DO PROFESSOR EM CONSTRUÇÃO	
Eliane Paganini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6821905064	
CAPÍTULO 5	60
A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM DOCENTES: UM OLHAR CUIDADOSO PARA ALÉM DA PROFISSÃO	
Chancarlyne Vivian Lisandra Antunes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6821905065	
CAPÍTULO 6	77
HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE	
Graciane Barboza da Silva Thais Cristina Gutstein	
DOI 10.22533/at.ed.6821905066	
CAPÍTULO 7	86
EMPREENDEDORISMO E OS ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA	
Maria Alice Mantovani Scheila Beatriz Sehnem	
DOI 10.22533/at.ed.6821905067	

CAPÍTULO 8 105

PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE ACERCA DO TRABALHO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL

Tayane Gutierrez Piccoli Pereira
Luciana Xavier Senra

DOI 10.22533/at.ed.6821905068

CAPÍTULO 9 117

TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: A RELAÇÃO ENTRE OS ESQUEMAS DESADAPTATIVOS INICIAIS E AS CRENÇAS IRRACIONAIS COM OS TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS

Estefânea Élide da Silva Gusmão
Lia Wagner Plutarco
Mariana Gonçalves Farias
Glysa de Oliveira Meneses
Mariana Costa Biermann

DOI 10.22533/at.ed.6821905069

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

CAPÍTULO 10 128

O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO E O DIAGNÓSTICO PSICOLÓGICO DE PROBLEMAS ESCOLARES

Luis Henrique Zago
Allan Alberto e Silva Ferreira
Neiva Solange da. Silva

DOI 10.22533/at.ed.68219050610

CAPÍTULO 11 142

O ESCRITOR DAS COISAS DA VIDA: UM CASO DE SUBLIMAÇÃO NA PSICOSE

Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano
Georgia Janine Oliveira Rosado Alves
Anna Luzia de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.68219050611

CAPÍTULO 12 146

AGRESSÃO CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM OLHAR A PARTIR DA PSICOLOGIA SOCIAL

Sophia Lóren de Holanda Sousa
Lia Alves da Ponte
Matheus Gomes Lins Alves
Gisele Loiola Ponte Batista
Damião Soares de Almeida Segundo
Quésia Fernandes Cataldo

DOI 10.22533/at.ed.68219050612

CAPÍTULO 13 153

O SERIAL KILLER E SEU ATO HOMICIDA: UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE O CRIME EM FREUD E LACAN

Beatriz Pizaia Vedovatti
Marco Antônio Rotta Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.68219050613

CAPÍTULO 14	163
TRANSDISCIPLINARIDADE E EDUCAÇÃO: UM RELATO DE IMERSÕES INVESTIGATIVAS	
Israel Kujawa	
Eliana Sardi Bortolon	
Taimara Foresti	
Carine Tabaczinski	
Gabriel Bacarol Kerber	
Andressa Rebequi	
DOI 10.22533/at.ed.68219050614	
CAPÍTULO 15	171
SEU TUDO BOM E A ECONOMIA DO DESEJO OBSESSIVO	
Georgia Janine Oliveira Rosado Alves	
Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano	
Anna Luzia de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.68219050615	
CAPÍTULO 16	179
QUEM SABE?: UMA EXPERIÊNCIA DE PRIMEIRA ESCUTA EM PSICANÁLISE	
Lívia Martins Pinto	
Anna Luzia Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.68219050616	
CAPÍTULO 17	185
REFLEXÕES SOBRE O EVENTO “DISCUTINDO CORPO SEXO E GÊNERO”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Caio Roberto Viana Reis	
Carla Fabiane de Souza	
Jardson Mendes Carvalho	
Ana Kelma Cunha Gallas	
DOI 10.22533/at.ed.68219050617	
SOBRE A ORGANIZADORA	193

MULHERES AGRICULTORAS CONTEMPORÂNEAS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Andréia Piccinin

Universidade do Oeste de Santa Catarina –
UNOESC

Curso de Psicologia
Joaçaba – SC

Ana Patrícia Alves Vieira Parizotto

Universidade do Oeste de Santa Catarina –
UNOESC

Curso de Psicologia
Joaçaba - SC

RESUMO: O presente artigo aborda o tema desigualdade de gênero, no intuito de realizar uma reflexão a respeito da evolução da mulher na conquista dos seus direitos e do que ainda precisa ser conquistado para garantir, finalmente, a igualdade entre homens e mulheres. Em relação à mulher agricultora, percebeu-se que o preconceito ainda se encontra acentuado, isso porque o trabalho feminino na agricultura é considerado leve e de segunda mão. Assim, nesta pesquisa, foi necessário observar em que nível se encontra a desigualdade de gênero entre as mulheres agricultoras, e como elas encaram esse preconceito, a visão dessas mulheres acerca da mulher contemporânea e os diversos papéis que são desempenhados por elas atualmente. Os sujeitos da pesquisa foram mulheres agricultoras, casadas ou viúvas, residentes em um município de pequeno porte,

situado na região meio-oeste catarinense. Para a coleta de dados, optou-se por uma entrevista semiestruturada, contendo quatro perguntas norteadoras. O local da entrevista foi a própria residência dos sujeitos. A análise foi feita a partir das falas dos sujeitos da pesquisa, correlacionada à literatura específica. Como resultado, percebeu-se que as entrevistadas reconhecem uma evolução da mulher diante do homem, porém, ainda existe um preconceito em relação à mulher agricultora, do qual, diversas vezes, as próprias mulheres são reprodutoras. Elas percebem que trabalham mais que o homem, porém não deixam de se submeter a realizar trabalhos domésticos e ser responsáveis pela educação dos filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Estigma. Mulher agricultora. Mulher contemporânea.

CONTEMPORARY FARMER WOMEN: A MATTER OF GENDER

ABSTRACT: This article deals with the theme of inequality of gender, in order to undertake a reflection about the evolution of women in the achievement of their rights, and what still needs to be achieved to finally guarantee the equality between men and women. In relation to the farmer women, it was noticed that the prejudice with this group is still intense, because the female

labor is considered light and second hand. Thus, in this research, it was necessary to observe at what level the process of inequality of gender between farmer women is, and how they face this prejudice; these women's view about the contemporary women, and the several kinds of roles which are played by farmer women nowadays. The subjects of the research were farmer women, married or widows, living in a small-sized city in the Midwest region of Santa Catarina. For a data collection, it was opted by a semi structured interview, holding four guiding questions. The place where the interview took place was in the subjects' own houses. The analysis was done from the speeches of the subjects and correlated with the specific literature. As a result, it was noticed that the interviews recognize an evolution of women before men, however, there is still a prejudice in relation to the farmer women, where several times, the women themselves reproduce this prejudice. They notice that they work more than men, however, they don't stop submitting themselves to do housework and to be responsible by the children's education.

KEYWORDS: Gender. Stigma. Farmer woman. Contemporary woman.

1 | INTRODUÇÃO

A mulher, ao longo da história, precisou enfrentar grandes lutas na busca de um tratamento igualitário da sociedade diante do homem. Em pleno século XXI, a maioria das mulheres trabalha fora, ajuda nas economias da família e, assim, ganha certa independência diante do marido. Entretanto, percebe-se que a discriminação de gênero ainda é presente em nossa cultura. Um exemplo claro dessa desigualdade, de acordo com a Fundação de Economia e Estatística (2013) é o fato de que as mulheres, ainda que realizem atividades semelhantes aos homens em determinado cargo, continuam recebendo salários inferiores aos deles e, além disso, também demoram mais para conseguir um emprego.

Ao observar a mulher no contexto agrícola, percebe-se que essas desigualdades parecem se acentuar ainda mais, pois o trabalho feminino na agricultura é considerado leve e de segunda mão. Dessa forma, faz-se necessário compreender em que nível se encontra o processo de desigualdade de gênero entre as mulheres agricultoras, além de identificar a percepção dessas mulheres acerca da questão de gênero, e como elas encaram esse preconceito, reconhecer a visão delas a respeito da mulher contemporânea e os diversos papéis que são desempenhados por elas atualmente.

Existem poucas pesquisas no ramo da psicologia voltadas para a mulher agricultora, e as pesquisas existentes têm maior ênfase nos movimentos sociais realizados por elas. Mas, em contrapartida, as discussões em relação às questões de gênero estão evidenciadas no cenário atual. Assim, neste trabalho, buscou-se realizar uma reflexão a respeito da evolução da mulher na conquista dos seus direitos e discutir as questões de gênero, em um ambiente em que essa desigualdade se mostra marcante.

2 | MÉTODO

Nesta pesquisa, foi utilizado o método qualitativo. Esse tipo de método permite a compreensão com maior abrangência e aprofundamento do fenômeno estudado. Oliveira (1997, p. 117) refere-se à pesquisa qualitativa da seguinte forma:

[...] possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Assim, percebeu-se, com base nos objetivos da pesquisa, o método qualitativo como o mais apropriado para a realização desta pesquisa.

2.1 Sujeitos

Foram selecionados sete participantes do sexo feminino para a pesquisa, acima de 18 anos, casados ou viúvos, residentes na área rural de um município de pequeno porte situado na região meio-oeste catarinense e participantes do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), ou grupos relacionados a mulheres agricultoras.

2.2 Contato Com Os Sujeitos

O primeiro contato com os sujeitos da pesquisa foi feito via telefone, fornecido anteriormente pela presidente dos grupos das mulheres agricultoras.

Nesse contato, foram agendados com os sujeitos da pesquisa a data e o local para a coleta de dados.

2.3 Situação e ambiente

As entrevistas aconteceram nas residências dos sujeitos, em dias e horários previamente agendados, conforme a disponibilidade de cada entrevistado.

Esse local foi escolhido com o intuito de evitar perturbações de outras pessoas, evitando interrupções durante a coleta de dados.

2.4 Instrumentos de coleta de dados

Para a pesquisa, foi realizada somente uma entrevista semiestruturada, com quatro perguntas abertas previamente elaboradas, relacionadas diretamente com o tema da pesquisa.

2.5 Aspectos Éticos

No intuito de considerar os aspectos éticos que envolvem as pesquisas com seres humanos, os sujeitos deste estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os nomes dos sujeitos envolvidos na pesquisa foram mantidos no anonimato, sendo substituídos pelas seguintes abreviações: S1, S2, S3, S4, S5, S6 e S7.

A presente pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba para aprovação; somente após a referida submissão e aprovação, iniciou-se a coleta de dados.

2.6 Apresentação, análise e discussão dos dados

Após as entrevistas, os dados transcritos foram analisados e relacionados com a literatura específica. Essa análise dos dados coletados com a entrevista foi realizada por meio do conteúdo das falas dos sujeitos.

A apresentação dos dados foi feita por meio da elaboração deste artigo científico.

3 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada contendo dois blocos temáticos: o bloco I com dados de identificação dos sujeitos da pesquisa e o bloco II contendo questões norteadoras referentes ao tema da pesquisa.

A tabela a seguir ilustra os dados de identificação dos sujeitos da pesquisa:

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	RELIGIÃO	Nº DE FILHAS	Nº DE FILHOS
Sujeito 1	54 anos	1ª a 4ª série	Católica	-----	2
Sujeito 2	70 anos	1ª a 4ª série	Católica	7	-----
Sujeito 3	66 anos	1ª a 4ª série	Católica	2	1
Sujeito 4	78 anos	1ª a 4ª série	Católica	1	4
Sujeito 5	41 anos	Ensino Superior Completo	Católica	2	----
Sujeito 6	41 anos	Ensino Fundamental Completo	Católica	1	1
Sujeito 7	72 anos	1ª a 4ª série	Católica	2	3

Tabela 1 – Dados de identificação dos sujeitos

Fonte: o autor.

A partir dessa tabela, é possível observar que as idades das entrevistadas variam entre 41 e 78 anos. O nível de escolaridade de 1ª a 4ª série corresponde a 71%, Ensino Fundamental Completo a 14% e Ensino Superior Completo a 14%. A religião predominante é a Católica (100% das entrevistadas) e a maioria delas possui filhas mulheres.

3.1 Diferenças entre homem e mulher: aspectos relevantes

Conforme a fala dos sujeitos da pesquisa, observa-se que entre as sete entrevistadas, 43% delas se referem às diferenças entre homem e mulher,

especificamente, ao aspecto liberdade. Isso fica evidenciado nas falas de S3, S4 e S7: “O homem é mais livre, ele faz o que quer e a mulher aceita mais fácil.” (S3); “O homem aproveita mais, nos domingos ele é livre, nos finais de semana ele vai jogar baralho e na bodega. Já a mulher fica cuidando das crianças. A filha mulher, no meu tempo, ficava em casa, para os filhos homens se divertirem.” (S4); “O homem é diferente da mulher em muitas coisas, questões de relacionamentos, gostam mais de sair, jogar baralho.” (S7) (informações verbais).

De acordo com o tema liberdade, deve-se considerar a questão do lazer, que no meio rural é muito mais raro para as mulheres que para os homens. Brumer (2004) e Paulilo (2004) afirmam que as mães até conseguiriam levar os filhos em seus passeios, entretanto, a elas cabe a responsabilidade de cuidar dos animais domésticos, e estes requerem cuidados diários.

Assim, Andrade et al. (2009, p. 46) afirmam, também, que para as mulheres, a principal atividade de lazer acaba ocorrendo em casa, utilizando a televisão. Já para os homens, existe a possibilidade de escolha de outras atividades, como conversar com amigos. Isto porque eles se abstêm da responsabilidade de dividir esses momentos com os filhos, ou de atender às vontades de sua mulher.

Outro aspecto observado que emerge nas falas dos sujeitos da pesquisa se refere à diferença relacionada à força física, o que é evidenciado nas falas dos sujeitos S3 e S5: “Pela força. A mulher até se esforça bastante para fazer o que o homem faz e muitas vezes não consegue.” (S3); “A maior diferença entre homem e mulher é biológica. O homem tem mais força.” (S5) (informações verbais).

Brumer (2004) afirma que na divisão de trabalho que se estabelece entre os sexos, no meio agrícola, ao homem cabe, geralmente, a exclusividade de desenvolver serviços que requerem maior força física, como lavrar, cortar lenha, fazer curvas de nível, derrubar árvores e fazer cerca. Também cabe ao homem o uso de maquinário agrícola mais sofisticado, como o trator. Assim, percebe-se que, de fato, existe diferença entre a força física da mulher se comparada com a do homem, e isto acaba se tornando um dos principais artefatos na divisão de tarefas no ambiente rural.

3.2 Mulheres contemporâneas

Em relação à mulher contemporânea, a maioria dos sujeitos da pesquisa (71%) ressaltou o fato de a mulher estar sobrecarregada, pois trabalha fora como o marido, mas continua a realizar tarefas domésticas: “A mulher moderna ainda tem que cuidar da casa e dos filhos, em sua maioria.” (S1); “A mulher trabalha fora igual ao homem, com um salário menor, na maioria das vezes, e a responsabilidade da casa e dos filhos ainda fica pra ela. Acredito que a própria natureza faz com que a mãe fique mais responsável pelos filhos.” (S3); “A mulher da roça trabalha mais que o homem, mas a mulher na cidade trabalha igual ao marido, porque o marido também ajuda em casa. Mas no cuidado com os filhos, a responsabilidade, ainda é das mulheres.”

(S4); “Dependendo da mulher, possui uma independência, mas continua fazendo o que sempre fazia. Por exemplo, o cuidado com a casa, filhos, marido continua sendo tarefa dela.” (S6); “As tarefas deveriam ser divididas, mas nem em todos os casais isso acontece. E isso faz com que a mulher fique sobrecarregada demais. O marido deveria ajudar mais, mas acredito que nunca isso vai acontecer, de todos ajudarem, alguns sim, mas todos não, porque o homem ainda é muito machista.” (S7) (informações verbais).

As próprias mulheres, mesmo com a conquista de sua liberdade, continuam culturalmente responsáveis pelo lar, pelo marido e pelos filhos. Conforme Evans (1994 apud BORGES, 2009), “[...] a ideia de que a natureza biológica das mulheres as confere este cenário doméstico revela ainda uma ideia muito verdadeira para a maioria das mulheres no mundo, embora a natureza e a condição deste destino possam diferir substancialmente.”

Essa naturalização da mulher como biologicamente responsável pelo trabalho doméstico, na verdade é reflexo de uma educação diferenciada entre os dois sexos. Para Jesus (2004), o menino desde o início da infância, é estimulado a ser forte, frio e corajoso e a menina acaba sendo incitada a ser delicada, insegura e emocional. Um bom exemplo disso é visto nas brincadeiras, quando o menino geralmente ganha bola para jogos que favorecem a agressividade da disputa e a menina recebe bonecas, jogos de cozinha, enfim, brinquedos que estimulam o caráter materno.

Beauvoir (1980) também é firme em suas palavras:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de fêmea.

Saffioti (1987) é outra autora que percebe esse processo de naturalização da mulher perante os afazeres domésticos como algo forjado pela sociedade. De acordo com ela, a sociedade procura fazer crer que a atribuição do ambiente doméstico à mulher deriva de sua competência em ser mãe.

Entretanto, ao serem questionadas sobre a independência da mulher perante o homem, 42% das entrevistadas demonstraram certo preconceito sobre a questão: “A mulher moderna é muito ‘atirada’, deixa o marido com o filho e sai fazer festa. Acho que é uma coisa boa a mulher trabalhar fora, desde que realmente precise.” (S2); “A mulher moderna possui muita liberdade. Elas deveriam se dar mais valor. Porém, elas possuem mais conhecimento.” (S3); “Hoje a mulher quer ser mais que o homem, ela quer governar. Meu pai falava que quando as mulheres comesçassem a governar, era o fim do mundo.” (S4) (informações verbais).

Em relação a essas falas dos sujeitos, Rodrigues (2007) afirma que é possível encontrar a reprodução do machismo advindo das próprias mulheres, pois elas se colocam em uma suposta posição de inferioridade perante os homens. Isso ocorre em razão da educação à qual elas são submetidas, sendo esta propagada pela

família, igreja, escolas e meios de comunicação, que repetidamente reforçam que os comportamentos adequados para meninas são diferentes dos comportamentos esperados para os meninos.

Rodrigues (2007) ainda coloca que para se combater a propagação desse tipo de preconceito algumas atitudes poderiam ser tomadas, como: evitar fazer divisão de grupos por sexo; estimular o pensamento crítico por meio de leituras sobre gênero; ressaltar a importância da mulher na sociedade e acabar com os estereótipos que dividem homens e mulheres.

3.3 Tarefas entre homens e mulheres no contexto agrícola

Quando questionadas sobre as diferenças nas tarefas entre homens e mulheres no contexto agrícola, 85% das entrevistadas (S1, S2, S3, S4, S5 e S7) afirmam que suas tarefas são mais voltadas a tarefas domésticas e ao cuidado com filhos, além de ajudar seu marido na agricultura: “Ele tira o leite, trata as vacas. Eu ajudo a plantar e cuido das tarefas domésticas.” (S1); “No contexto agrícola, ela acaba ficando com o serviço da casa, pão, cozinha. Além de cuidar dos filhos.” (S2); “A mulher fica com as “miudezas”, como ordenhar vacas, plantar legumes para consumo familiar, cuidar da casa e ainda ajudar o homem. É visível que a mulher trabalha muito mais que o homem na roça.” (S3); “Já as tarefas relacionadas à mulher, seriam mais os cuidados com a casa, o cuidado com as crianças, ajudar um pouco o homem na propriedade (ela não fica o dia inteira, mas ajuda).” (S4); “A mulher acaba ficando com mais tarefas (tarefas da casa, como organização, limpeza, cozinha, cuidar dos filhos).” (S5); “A mulher ajuda o homem nessa parte, mas não é tanto. E ainda faz o serviço da casa. Acaba trabalhando mais que o homem.” (S7) (informações verbais).

As mulheres agricultoras não são apenas as principais responsáveis pelas atividades de manutenção do núcleo familiar, mas desempenham um papel fundamental no trabalho relacionado a lavouras e a criação de animais. Sendo assim, elas possuem uma significativa importância na dinâmica da unidade de produção, interferindo diretamente nas diferentes esferas de atuação produtiva e reprodutiva. (MESQUITA, 2013, p. 2).

Todos esses esforços acabam, na maioria das vezes, não sendo reconhecidos pela família e menos ainda pela sociedade, ocasionando nas mulheres agricultoras uma série de consequências tanto para a saúde física quanto para a psicológica. Schaff (2005) relata que se deparou com esse aspecto quando realizava uma pesquisa de campo com mulheres do ambiente rural: “Encontrei muitos casos de depressão feminina. Solidão, falta de contatos sociais, trabalho rotineiro, dupla jornada de trabalho, doença, difícil relacionamento com o marido e pobreza constante são algumas das razões indicadas.” Dessa forma, vemos como consequência a baixa motivação dessas mulheres em procurar cuidar de si e se autovalorizar.

As entrevistadas S2, S3 e S6 (43%) referiram como critério para a divisão de tarefas o serviço pesado em relação ao serviço leve: “O serviço mais pesado é para o homem, porque eles têm mais força, mas a mulher ajuda também.” (S2); “O homem

fica com serviços relacionados à lavoura, trato do gado, que são mais pesados.” (S3); “O homem faz o serviço mais pesado, a mulher faz o serviço mais leve. Na verdade o que é mais difícil fica como serviço do homem.” (S6) (informações verbais).

Assim, nessas famílias, o trabalho realizado pelas mulheres agricultoras é avaliado como leve, visto que para a mulher é repassada a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos, e todo o esforço efetivado no campo junto ao marido é considerado somente como ajuda. De acordo com Thum (2011, p. 577), em relação à divisão do trabalho por sexo, na agricultura, as mulheres em geral ocupam uma posição subordinada e seu trabalho, geralmente, aparece como ajuda, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades que eles.

Certamente, o trabalho realizado pela mulher na agricultura é um trabalho pesado, no qual estas batalham ao lado do marido de igual para igual no intuito de tornar a propriedade mais próspera. Angelin (2008, p. 3) também afirma que as mulheres desempenham muitas atividades no seu dia a dia, que não devem ser avaliadas como leves. A autora exemplifica algumas dessas atividades, como os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos, o cuidado na alimentação das crianças e também do marido, atenção também com a saúde de todos, ordenhar as vacas, entre outras.

Além do mais, essas mulheres deixam de lado, muitas vezes, sua vaidade e feminilidade por estarem expostas ao trabalho sofrido, geralmente encarando várias horas embaixo do sol escaldante e lidando com suor, pó, ambientes sujos, uma grande quantidade de força física, enfim, trabalhando no serviço denso e “grosseiro”.

Paulilo (2004), em sua pesquisa, mostra que a distinção entre trabalho “leve” e trabalho “pesado” está muito mais relacionada com o sexo do que o esforço utilizado para realizá-lo. Assim, independentemente do quão exaustivo seja o trabalho realizado pela mulher, aos olhos da sociedade, ele será considerado trabalho leve.

Se o nosso meio social reforça constantemente que a mulher agricultora realiza no seu dia a dia somente trabalhos leves, ajudando o marido, não tendo capacidade de liderar a propriedade rural, o estereótipo de submissão manter-se-á continuamente.

Também foi apontado, no discurso de duas entrevistadas, o desinteresse das futuras gerações em permanecer no ambiente rural: “Mas, hoje, o serviço agrícola tem muitas dificuldades, a renda financeira depende muito do tempo e da terra, e, com isso, meu filho e filha não têm mais interesse em permanecer no interior.” (S6); “Hoje em dia, nem os filhos homens, nem as filhas mulheres aceitam ficar na agricultura. Eles saem de casa e vão estudar, para ter um trabalho melhor.” (S7) (informações verbais).

Existe, atualmente, uma forte migração da população rural, especialmente moças, para os centros urbanos. Em sua pesquisa, Mello (2006) mostra que a conduta dessas jovens é resultado da falta de espaços para uma participação considerável na propriedade e sua renúncia pela agropecuária também possui ligação com a penosidade do trabalho.

Essa passa a ser uma situação preocupante, pois, conforme o autor citado

anteriormente, está acontecendo uma espécie de “ruptura” no padrão sucessório. Isto é percebido com a intensa migração das jovens do ambiente rural para o urbano, o que ocasiona um desequilíbrio de gênero e o surgimento do fenômeno do celibato masculino, acarretando maior dificuldade de reprodução social e econômica.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as entrevistadas nasceram e cresceram observando a mulher ser tratada como inferior perante o homem, tendo que depender inteiramente do marido para poder ter uma vida digna, além de ser julgada pela sociedade de acordo com o seu comportamento. No início do século XXI, essas mulheres vêm presenciando uma nova era, na qual a mulher trabalha fora, ganha seu próprio dinheiro e luta continuamente por seus direitos.

Nesta pesquisa, foi possível observar a percepção das mulheres agricultoras em relação à desigualdade de gênero. O aspecto liberdade está entre os fatores que diferem o homem da mulher; aquele é mais livre e possui mais tempo para realizar atividades que lhe agradam. A mulher, por outro lado, nos momentos vagos, precisa dar atenção aos filhos e aos afazeres domésticos, fato esse que contribui para mantê-la em casa por maior período de tempo.

As entrevistadas também ressaltaram que a mulher contemporânea está sobrecarregada, isto é, adquiriu liberdade financeira a partir do momento em que começou a trabalhar fora, porém não se despreendeu das suas antigas responsabilidades, como a casa e os filhos.

No que diz respeito às tarefas realizadas no contexto agrícola, é percebido que apesar de essas mulheres trabalharem junto ao marido realizando as mesmas atividades que ele, e ao mesmo tempo cuidarem de tarefas domésticas e dos filhos, todo o trabalho realizado pela mulher é considerado leve, independentemente da quantidade de esforço utilizado, o que torna nítido o preconceito ainda existente nesse contexto.

Essa discriminação é consequência de uma educação diferenciada entre os dois sexos, em que são estimulados desde criança comportamentos específicos para homens e para mulheres. Dessa forma, ao pretender combater a desigualdade referente a gênero, é essencial que se estimule o pensamento crítico, buscando informações sobre o tema gênero, realizando discussões sobre a importância da mulher na sociedade e evitando qualquer tipo de divisão de grupos por sexo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rafael Júnio et al. Relações sociais de gênero no meio rural brasileiro: a mulher camponesa e o lazer no início do século XXI no Brasil. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 1, jan./mar. 2009.
- ANGELIN, Rosângela. Mulheres agricultoras gerando renda e cidadania. **Redcidir**. Santa Rosa, 2008. Disponível em: <http://redcidir.org/multimedia/pdf/trabajos_seleccionados/Secci%C3%B3n_Asociativismo_empresas_e_innovaci%C3%B3n/Mulheres_agricultoras_gerando_renda_%20e_cidadania.pdf>. Acesso em: 05 set 2014.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BORGES, Nathalia. **A evolução recente da mulher no mercado de trabalho brasileiro**: perspectiva social e econômica. Campinas: Unicamp, 2009.
- BRUMER, Anita. Gênero e Agricultura: A situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, 2004.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Secretaria do Planejamento, Gestão e Participação Cidadã**. Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2014.
- HINTZ, Helena Centeno. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 3, p. 8-19, 2001.
- JESUS, Sandra Alves Moura. **A mulher e a história**: um papel desigual. Salvador, 2004. Disponível em: <http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/documentos/ensaio_03.pdf>. Acesso em: 21 Mar.2014.
- MELLO, Marcio Antonio. Transformações sociais recentes no espaço rural do oeste de Santa Catarina: migração, sucessão e celibato. In: XLIV CONGRESSO DA SOBER – QUESTÕES AGRÁRIAS, EDUCAÇÃO NO CAMPO E DESENVOLVIMENTO, Fortaleza, 2006. **Anais eletrônicos**. Fortaleza, 2006. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/5/1036.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2014.
- MESQUITA, Livia Aparecida Pires de. **Mulheres na agricultura familiar**: a comunidade Rancharia, Campo Alegre de Goiás. 2013. 135 p. Dissertação (Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em Geografia)–Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013.
- OLIVEIRA, Silvio. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997.
- PAULILO, Maria Ignez. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n.1, jan./abr. 2004.
- RODRIGUES, Valeria L. A importância da mulher. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. 2007. Curitiba: SEED/PR, 2011. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em: 01 ago. 2014.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SCHAAF, Alie Van Der. Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, jul./dez. 2003.
- THUM, Moara Ailane et al. Saberes relacionados ao autocuidado entre mulheres da área rural do sul do Brasil. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, set. 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-368-2

